

Imprensa, educação sanitária e interiorização do sanitarismo em Uberlândia (1938-1950)¹

Press, sanitary education and the diffusion of sanitarian practices in Uberlândia (1938-1950)

Jean Luiz Neves Abreu*

Resumo

O artigo busca abordar em que medida a imprensa difundiu algumas diretrizes nacionais de saúde por meio das ações de educação sanitária entre as décadas de 1930 e 1950. A primeira parte situa alguns elementos mais gerais desse processo e os significados do discurso médico-sanitário. A segunda procura identificar como a imprensa de Uberlândia foi um veículo de difusão de valores de saúde e higiene de Minas Gerais. Além das publicações do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, as principais fontes utilizadas foram os jornais *Minas Gerais*, *Correio de Uberlândia*, *O Repórter* e *A Tribuna*.

Palavras-chave: Educação sanitária. Minas Gerais. Discurso médico.

Abstract

The article tries to address extent to which the press spread national health guidelines through sanitary education between the 1930's and 1950's. The first part indicates some broader elements of this process and the meanings of the health-sanitary discourse in this context. The second tries to identify how Uberlândia's press was a vehicle for the dissemination of health and hygiene values in Minas Gerais. In addition to the publications of the Department of Health Education and Propaganda, the main sources used in the article were newspapers *Minas Gerais*, *Correio de Uberlândia*, *O Repórter* and *A Tribuna*.

Keywords: Sanitary education. Minas Gerais. Medical discourse.

¹ Este artigo é um dos resultados da pesquisa "Discurso médico higienista e educação sanitária em Minas Gerais (1930-1950)", financiado pela FAPEMIG. A pesquisa contou com a colaboração das bolsistas Aline Daiane Diniz Ferreira e Driele Honorato

* Professor do Instituto de História/Universidade Federal de Uberlândia, Doutor em História/UFMG. E-mail: jeanluiz.na@gmail.com

A saúde pública no Brasil durante o primeiro Governo de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, foi marcada pela complexidade das mudanças e tendências da política sanitária orientada pelo estado forte e centralizador do Estado Novo. Conforme apontam Gilberto Hochman e Cristina Fonseca, a gestão de Gustavo Capanema no Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP) (1934-1945) representou “um marco na saúde pública enquanto política estatal”. A reforma do MESP, proposta em 1935 e implementada por Capanema em 1937, consolidou uma estrutura que permaneceu praticamente inalterada até 1953.²

Os Serviços Nacionais de Saúde representaram outra mudança significativa, ao verticalizar o combate às endemias com altas taxas de mortalidade, como a tuberculose, a malária, a febre amarela e as doenças infecto-contagiosas. O Estado Novo criou condições para a implantação de uma política sanitária destinada à coletividade nacional, a qual deveria se estender aos estados e a todo território do país. Com a finalidade de assegurar a presença do governo central nos estados, o território brasileiro foi dividido em oito regiões. Cada uma contava com delegacias federais de saúde, sediadas nas cidades do Rio de Janeiro, Belém, Recife, Fortaleza, Salvador, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte.³ Outra mudança desse período se refere ao processo de profissionalização do médico sanitarista, com formação distinta dos médicos clínicos. Dessa forma, a oficialização dos cursos de Saúde Pública contribuiu não só para a formação de médicos sanitaristas, como também para a conformação de uma comunidade profissional associada ao Estado.⁴

Em Minas Gerais esse contexto foi marcado igualmente por transformações. Conforme observa Keila Carvalho, apesar de referências em relação ao projeto sanitarista da Primeira República, a maior centralização e burocratização do Estado caracterizaram as políticas de saúde no período. Nesse processo, os sanitaristas da geração pós-1930 incorporaram o discurso da oposição entre o “novo regime” e a Primeira República. Discurso esse que “se manifestava através das críticas à desatenção dada à saúde da população até aquele momento, colocando-se numa posição de quem acreditava

² HOCHMAN, Gilberto; FONSECA, Cristina M. O. “O que há de novo? Políticas de saúde pública e previdência, 1937-45”. In: PANDOLFI, Dulce Chaves. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1999, pp.73-94. Para as reformas institucionais na saúde e suas implicações durante o Estado Novo ver também: FONSECA, Cristina M. O. *Saúde no Governo Vargas (1930-45)*. Dualidade Institucional de um Bem Público. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007, pp.73-93.

³ HOCHMAN, Gilberto. Cambio político y Reformas de la Salud Pública en Brasil- El Primer Gobierno Vargas, 1930-1945. *Dynamis*, Granada, v. 25, p. 199-226, 2005, pp. 135-136.

⁴ HOCHMAN; FONSECA, op. cit., p. 88.

e esperava por iniciativas vindas do poder público no advento da república ‘nova’”.⁵ Os médicos sanitaristas foram inseridos, em sua maior parte, na burocracia como funcionários públicos, o que os levou a aderir, de forma estratégica, ao projeto de saúde pública centralizador estatal, tendo a questão da higiene como um de seus eixos motrizes.⁶

Dos vários aspectos relativos às diretrizes nacionais de saúde, a educação sanitária foi uma forma de promover a articulação entre os serviços federais e as circunscrições estaduais. Em Minas Gerais, as décadas de 1930 e 40 “se caracterizaram por ações mais sistemáticas no combate às endemias e que visavam à educação e ao controle dos hábitos da população da cidade e, principalmente do interior”. Na década de 1940 ocorreram mudanças significativas nos serviços estaduais de saúde. Com a denominada reforma Alvinho de Paula, em 1946, o Departamento Estadual de Saúde passou a ser constituído por três instâncias: a diretiva, responsável pela superintendência de todas as atividades; a periférica, responsável pelas “ações na área de saúde” e a normativa, que tinha a “função de dirigir, planejar, orientar, coordenar e fiscalizar a execução dos serviços”. Segundo afirma Bráulio Silva Chaves, tais mudanças foram importantes para o “processo de autonomização do campo dos sanitaristas em Minas Gerais”, tornando-os aliados potenciais no campo da saúde pública.⁷

Parte de uma pesquisa sobre o discurso médico-sanitário em Minas Gerais entre 1930 e princípios dos anos 1950, este artigo busca abordar em que medida a imprensa difundiu algumas diretrizes nacionais de saúde por meio da educação sanitária. A primeira parte procura situar alguns elementos mais gerais desse processo. A segunda discute o papel desempenhado pela imprensa de Uberlândia como meio de mobilizar os princípios de saúde e higiene de Minas Gerais.

O discurso médico-higienista

A promoção dos valores higiênicos entre a população foi um dos componentes das políticas de saúde em Minas Gerais desde as primeiras décadas

⁵ CARVALHO, Keila Auxiliadora. *A Saúde pelo Progresso: Medicina e Saúde Pública em Minas Gerais*. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008 (Dissertação de Mestrado), p. 50.

⁶ CARVALHO, op. cit., p.72 e seg.

⁷ CHAVES, Bráulio Silva. “Instituições de saúde e a ideia de modernidade em Minas Gerais na primeira metade do século XX”. In: MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. (Org.) *História da Saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. 1 ed. Barueri: Minha Editora, 2011, v. 1, p. 28-70, pp. 56-58.

do século XX. Tais políticas incorporavam elementos do discurso médico-sanitário da Primeira República, segundo o qual a ignorância das populações era uma das principais causas das enfermidades, tornando necessário promover a consciência sanitária, utilizando-se de recursos modernos de comunicação.⁸

Os relatórios da Diretoria de Saúde Pública⁹ das décadas de 1920 e 1930 indicam diversas dificuldades enfrentadas na implementação das políticas de saúde, sendo uma das principais a insuficiência da organização sanitária. Com o propósito de superar tais obstáculos, o decreto nº 69, de 20 de janeiro 1938, estabeleceu uma nova organização sanitária. A Inspetoria de Demografia e Educação Sanitária da Diretoria de Saúde Pública passou a se denominar Inspetoria de Propaganda e Educação Sanitária. Seu propósito era o de “promover a educação sanitária do povo, por todos os meios modernos de divulgação: imprensa, palestras, folhetos, cartazes, exposições, filmes, radiofonia.”¹⁰ Em 1946, o órgão foi transformado em Divisão de Demografia e Educação Sanitária, passando a contar com dois serviços distintos: o Serviço de Demografia Sanitária, dedicado à estatística de nascimentos, casamentos, óbitos e dados sobre as causas de mortalidade, e o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária (SPES).¹¹

Os artigos publicados em *Divulgação Sanitária (palestras na Rádio Inconfidência)*, uma compilação de textos do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, permitem identificar os temas veiculados via jornais, folhetos e rádios irradiados de Belo Horizonte para outras localidades do estado. Além de apresentar as inovações na medicina, como a introdução de remédios e métodos terapêuticos, os textos tratavam da profilaxia das enfermidades e questões ligadas à higiene, abordando assuntos diversos, tais como alimentação, puericultura, doenças sexualmente transmissíveis, alcoolismo, saúde do trabalhador, dentre outras.¹²

⁸ LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, pp. 140-149.

⁹ Desde 1895, os serviços de saúde em Minas Gerais estavam subordinados à Diretoria de Higiene, substituída pela Diretoria de Saúde Pública, de acordo com o Decreto n. 8.116, de 31 de dezembro de 1927. CF. *Mensagem do Presidente de Arthur da Silva Bernardes ao Congresso Mineiro*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1922, p.49

¹⁰ Decreto nº 69, de 20 de janeiro 1938.

¹¹ ABREU, Jean Luiz Neves. Educação sanitária e saúde pública em Minas Gerais na primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* (Impresso), v.17/n.1, pp. 203-209, 2010.

¹² *Divulgação Sanitária (palestras na Rádio Inconfidência)*. Belo Horizonte: Secretaria de Saúde e Assistência do Estado de Minas Gerais, 1952.

Os médicos sanitaristas procuraram difundir os valores higiênicos entre a população visando a transformação da sociedade por meio das ações de saúde e dos princípios higienistas da época.¹³ De acordo com esses princípios, a conservação da saúde estava ligada não somente a hábitos higiênicos, mas também a toda uma série de comportamentos. A medicina exercia uma função social importante, educando a população para evitar comportamentos perniciosos à saúde e vícios, tais como o alcoolismo.

O saber médico adquiria cada vez mais uma função social para dar conta de uma sociedade em constante mutação e marcada por desajustes econômicos e sociais. Essa posição era defendida pelo Dr. Geraldo Portes, autor de vários textos publicados na coluna “Programa de Medicina Social”, coluna do Jornal *Minas Gerais*. Segundo o médico, para a formação do indivíduo saudável contribuíam a observação de preceitos higiênicos e a incorporação de fundamentos morais, fornecidos pela religião e pela educação. Na missão da medicina havia um “alcance e um sentido caracteristicamente sociais e econômicos”.¹⁴

Em outra palestra dedicada ao tema, “A alimentação do povo e o futuro da raça”, o Dr. Portes atentava para a relevância de campanhas promovidas pelo Governo no sentido de orientar a população sobre os fundamentos da alimentação correta. Na ocasião, solicitava às autoridades do Estado providências para facultar às classes menos favorecidas a “aquisição dos alimentos essenciais”. A campanha orientadora deveria ser realizada nas escolas, fábricas e repartições, concomitante às ações do poder público, incumbido da tarefa de fornecer ao povo uma ração suficiente para manter seu “organismo em perfeita forma”.¹⁵

Houve também uma significativa atenção despendida à puericultura, como um instrumento de incorporação das massas ao Estado. A preocupação com a saúde infantil foi um dos elementos das políticas do Governo Vargas desde a década de 1930, acompanhando a preocupação com a formação de um novo homem e uma nova raça.¹⁶ Em Minas Gerais, além dos

¹³ CARVALHO, op. cit., p. 106.

¹⁴ PORTES, Geraldo. O reumatismo considerado enfermidade social. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 9 de maio de 1949, p. 9.

¹⁵ Idem. A alimentação do povo e o futuro da raça. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 13 de fevereiro de 1949, p. 8.

¹⁶ FONSECA, Cristina M. O. A Saúde da Criança na Política Social do Primeiro Governo Vargas. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 3, n.2, 1993, pp. 97-116.

serviços prestados nas escolas,¹⁷ várias palestras e textos priorizavam a questão dos cuidados com as crianças. Na seção “Pela saúde pública” do jornal *Minas Gerais* vários artigos versavam sobre o assunto, tais como “Higiene infantil. Efeitos do leite sobre o crescimento”.¹⁸ No material publicado pelo Serviço de Propaganda e Educação Sanitária fica evidente a ênfase dada à saúde infantil. O Dr. Mário Mendes Campos, ao apresentar o volume onde se reuniam as palestras proferidas na Rádio Inconfidência, observava que os vários assuntos abordados eram de “real importância médico social e seu conhecimento interessa a todos, mormente ao professorado das nossas escolas de ensino primário”.¹⁹

Em palestra pronunciada em 19 de abril de 1947, sobre a “Higiene e conforto do trabalhador”, Henrique Furtado Portugal salientou a relevância da puericultura, com a finalidade de “fazer vir ao mundo crianças sadias e mantê-las sadias”, sendo imprescindíveis os cuidados pré-natais e após o nascimento. Ao longo da palestra, o médico incitava aos proprietários e pessoas cultas das zonas rurais a ensinar os cuidados com o recém-nascido, como a vacinação necessária e a alimentação adequada.²⁰

Geraldo Portes, por sua vez, insistia que a garantia das perfeitas condições de higiene do povo só podiam ser obtidas mediante cuidados tomados antes do parto. Segundo apontava, o “cuidado prestado às mães será a primeira condição para que tenhamos gerações sadias”. A infância e a adolescência traduziam-se em problemas sociais a ser enfrentados pela ciência. A ela cabia conhecer as condições físicas e orgânicas, as tendências de comportamento das crianças, com o intuito de se atenuar “taras, vícios, má formações, desvios, enfim, os defeitos físicos ou mentais”. Os desvios de comportamento eram vistos como resultado do ambiente social e constituição individual herdada. Uma das soluções para garantir a saúde física e moral residia no tratamento dos pais. Declarava que, se “evitassem os casais que, eugenicamente, não deveriam formar-se, poder-se-ia conseguir que não

¹⁷ Em Minas Gerais os médicos sanitaristas foram mentores de vários projetos para promover a educação sanitária nas escolas. Uma das ideias para incentivar os cuidados de higiene foi a criação de fichas com deveres de conduta, as quais os alunos deveriam marcar diariamente. Cf. CARVALHO, op. cit., p. 106-114.

¹⁸ Inspeção de Educação Sanitária. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 07 de setembro de 1938, p. 16

¹⁹ CAMPOS, Mário Mendes. “Apresentação”. In: *Divulgação Sanitária* (palestras na Rádio Inconfidência). Op. cit., s.p.

²⁰ PORTUGAL, Henrique Furtado. *Palestra de Henrique Furtado Portugal*, Rádio Inconfidência, 19 de abril de 1947.

aparecessem tantos casos anormais, física ou organicamente, assim como mentalmente.”²¹

Os argumentos em torno da reprodução e da puericultura estavam em sintonia com as ideias eugênicas vigentes à época no Brasil. O discurso eugênico nesse contexto se voltava para a análise da influência de determinadas enfermidades e comportamentos sobre as condições físicas e biológicas da população. Conforme analisa Nancy Stepan, a eugenia brasileira se articulou com o sanitarismo, na medida em que os eugenistas preconizavam tipos de reformas sanitárias visando melhorar a adequação hereditária e as condições eugênicas da população. Esse “ramo eugênico da saúde” se manifestava, por exemplo, nas campanhas contra o alcoolismo e as infecções venéreas, pelos efeitos negativos que podiam causar às gerações futuras. Neste sentido, as concepções de Geraldo Portes e de outros médicos desse período podem ser aproximadas da tendência que prevaleceu durante o Estado Novo, em que a eugenia se vinculava a propostas sociais de higiene pública, proteção à maternidade e à legislação trabalhista.²²

Paralelamente à puericultura, a questão do trabalho foi outro assunto privilegiado. Desde a década de 1930, a infortunística, ramo da medicina legal que estuda os acidentes e as doenças do trabalho, orientava-se para o exame das predisposições biológicas dos operários, por meio de exames prévios, bem como a adequação física e psíquica às condições de trabalho. A literatura médica ligada à infortunística defendia a cooperação dos médicos para evitar os prejuízos acarretados pelos acidentes e doenças advindas do trabalho. Uma dessas formas de cooperação residia na educação preventiva do povo e da classe operária.²³

Em suas falas, os médicos em Minas Gerais também conferiram atenção às questões concernentes à saúde do trabalhador, tais como a

²¹ PORTES, Geraldo. Infância em perigo moral como problema social. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 2 de outubro de 1949, p. 8.

²² Sobre a relação entre eugenia e saneamento no Brasil ver: STEPAN, Nancy Leys. “Eugenia no Brasil, 1917-1940”. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2004, pp. 331-391. Nancy Stepan ressalta que, pela afinidade que mantinha com o discurso da higiene, a eugenia nos países latino-americanos se distinguiu daquela praticada em países como os Estados Unidos e a Alemanha. Para os latino-americanos, o controle dos venenos raciais, como o álcool e as doenças venéreas, é que conferiu identidade ao movimento eugênico. CF. STEPAN, Nancy Leys. “*A Hora da eugenia*”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, pp. 92-106.

²³ A literatura médica sobre o trabalho desenvolveu-se imbricada com a medicina legal. Para essa discussão ver: FERLA, Luís. O trabalho como objeto médico-legal em São Paulo dos anos 30. *Asclépio*, Madrid, V. LVII-1-2005, pp. 237-262.

necessidade de hábitos higiênicos, alimentação saudável e a profilaxia das enfermidades relacionadas ao trabalho. Geraldo Portes foi um dos que dedicou longas palestras expondo a relação entre determinadas moléstias e o ambiente do trabalho, a exemplo de uma análise feita sobre a tuberculose como doença profissional.²⁴ No tocante à infortunistica, afirmava que uma orientação adequada poderia “evitar muitos acidentes, assim como a eclosão de doenças profissionais”.²⁵

Para além dos comentários a respeito do ambiente de trabalho, o Dr. Portes expunha preocupações relativas às condições de vida do operário. Este deveria ter uma condição de vida saudável, viver em um lar salubre e higiênico e contar com serviços de transporte público e de lazer próprios à saúde do corpo e do espírito. Condenava também hábitos considerados prejudiciais, sendo o mais nocivo deles a utilização do álcool, vício que interferia na produtividade.²⁶

A censura ao uso das bebidas alcoólicas frequentou várias páginas dos jornais mineiros. Exemplar a respeito é um artigo impresso no jornal *Minas Gerais*, cujo autor anônimo citava o conceito do higienista americano Rosenau sobre o álcool:

O álcool é uma droga com que se habitua o organismo; ele diminui a resistência e encurta a vida, prejudica a eficiência, produz a pobreza, gera o crime, favorece os acidentes, excita as paixões e diminui o controle de si próprio, conduz à imoralidade e facilita as infecções venéreas. O álcool aumenta a ruína econômica e retarda o progresso social. É mais um narcótico do que um estimulante. O seu valor nutritivo é extremamente limitado.²⁷

Para debelar os males que iam da infância à vida adulta, a educação sanitária consistia no principal remédio proposto pelos médicos. Conforme salientava Henrique Furtado Portugal:

A experiência demonstra no mundo inteiro que as campanhas de saúde não atingem resultados positivos, se não se educa convenientemente a população. Antes de impor medidas com leis e ordens, é indispensável precedê-las da educação sanitária. Será uma questão de convicção e de hábitos e daí a importância quase absoluta adquirida pela escola, que aí tem a grande missão de estabelecer hábitos de higiene naqueles que amanhã serão os executores

²⁴ PORTES, Geraldo. Tuberculose, doença profissional. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 26 de janeiro de 1949, p. 12.

²⁵ Idem. Educação, saúde e trabalho. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 5 de fevereiro de 1949, p. 8.

²⁶ Idem. Problemas do trabalhador em face do interesse social. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 25 de setembro de 1949, p. 10.

²⁷ O álcool é um veneno da raça. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 17 de janeiro de 1939, p.16.

dos princípios higiênicos, quicá seus propagandistas acérrimos. É pela educação sanitária que se há de prosseguir a profilaxia verdadeira, o exame médico periódico, a profilaxia pelo tratamento ou terapêutica profilática, a reeducação e a readaptação social para que existam menos sofredores, menor número de desajustados, para que a moral seja aprimorada, enfim para que a humanidade tenha uma vida mais humana.²⁸

A interiorização do sanitarismo

Fulcro “das atividades sanitárias com o escopo de promover a melhoria da saúde física e mental e de contribuir para o melhoramento da raça”,²⁹ a educação era vista como a estratégia de fazer chegar à camada ignorante os “ensinamentos fundamentais que a defendam”. Para tanto, havia dois processos: falar ao homem que não sabia ler e alfabetizando-o.³⁰ Para falar ao homem, o rádio e a imprensa foram considerados meios imprescindíveis. A mobilização desses meios de comunicação na promoção da educação sanitária no Estado seguia as diretrizes nacionais de saúde³¹ e atuaram conjuntamente na divulgação dos preceitos de saúde ao povo mineiro. Em março de 1949, por exemplo, a coluna “Educação Sanitária” trazia instruções sobre a profilaxia da sífilis, extraído de um folheto do Dr. Amarílio Cabral Mata, chefe do Centro de Saúde de Teófilo Otoni. Na mesma página havia uma chamada sobre a palestra do Dr. Hiram de Paula Ribeiro, “A esquistossomose em Belo Horizonte e em Minas Gerais”, a ser proferida na Rádio Inconfidência.³²

Essas atividades eram a expressão da atuação do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária. O Dr. Henrique Portugal, ocupando o cargo de chefe do Serviço, em palestra proferida na rádio Inconfidência, em 17 de agosto de 1947, relatava as diversas atividades realizadas no decurso daquele ano. Segundo o médico, as palestras realizadas na Rádio Inconfidência aos sábados já haviam atingido o número de trinta e duas, em doze meses. Além dos programas de rádio, pequenos artigos eram distribuídos no órgão oficial do Estado, o jornal *Minas Gerais*, três vezes por semana e em outros jornais da capital, como o *Estado de Minas*, *Folha de Minas*, e *O Diário*. Esses “artiguetes”

28 PORTUGAL, Henrique. Conceito médico-social das doenças venéreas. Palestra na Rádio Inconfidência, 27.09.1947: In: *A saúde pública nas serras, altiplanos, sertões e gerais*: textos de Henrique Furtado Portugal. Belo Horizonte: [s. n.], 2008.

29 Educação Sanitária. Saúde e educação. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 22 de março de 1949, p. 3.

30 Alfabetização e saúde. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 21 de junho de 1948, s. p.

31 CAMPOS, André Luiz Vieira de. *Políticas internacionais de saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, pp. 231-232.

32 *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, quarta-feira, 9 de março de 1942, p. 9.

eram mimeografados e distribuídos aos jornais de diversas cidades mineiras. A lista era extensa, abarcando *A Flama* (Uberaba), *A Cidade* (Perdões), *O Município* (Caratinga), *O Lince* (Juiz de Fora), *O Eco* (Bambuí), *Tribuna* (Raul Soares), *O Nordeste Mineiro* (Teófilo Otoni) e *Correio de Uberlândia* (Uberlândia), dentre outros. As rádios das cidades do interior também colaboravam na transmissão das palestras, como a Rádio Sociedade, de Muriaé e a Rádio Difusora Brasil, de Uberlândia.

O Serviço contava ainda com a distribuição de cartazes, folhetos e livros às instituições de ensino públicas e privadas e, principalmente, às escolas rurais dos municípios. Com o intuito de fazer chegar as mensagens no interior do Estado, o critério adotado era geográfico e econômico, “com o que estão sendo beneficiados os pequenos, longínquos e sob vários aspectos, esquecidos municípios das fronteiras, do norte, nordeste, e noroeste do Estado”. O material distribuído provinha de vários órgãos e instituições, como o Serviço Nacional de Educação Sanitária e o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e, em menor escala, da Escola Superior de Agricultura de Viçosa, Instituto Butantã e Instituto Pinheiros.³³

Henrique Furtado Portugal reconhecia os obstáculos às ações de educação sanitária, tais como as dificuldades de distribuição do material para os jornais. Todavia, em outra palestra na Rádio Inconfidência, o sanitarista reconhecia um progresso nas atividades do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, em 1948. Na ocasião, salientava que o material disponibilizado pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária e de outras instituições, como o Instituto Butantã, contabilizava um total de duzentos e cinquenta e um mil e duzentos e vinte folhetos, cartazes e livros, número que havia aumentado consideravelmente em relação a 1947, quando o total perfazia cinquenta e oito mil e trezentos e vinte e quatro exemplares.³⁴

As palestras, posteriormente transformadas em impressos, tratavam de assuntos diversos: “Saneamento rural”, do Engenheiro Afonso de Castro; “Higiene Visual”; “O problema do bócio endêmico”, “Higiene do trabalho, ambos da autoria de Mário Hugo Ladeira; “Profilaxia da Difteria”, de Mário Mendes Campos, dentre outras. Em levantamento realizado no jornal *Minas Gerais* entre 1938 e 1946 foi possível constatar a recorrência de temáticas que iam de informações sobre as inovações científicas à abordagem de questões

³³ Para essas informações ver: PORTUGAL, Henrique Furtado. Atividades de um ano da Divisão de Demografia e Educação Sanitária. *Palestra de Henrique Portugal*, Rádio Inconfidência, 17 de agosto de 1947.

³⁴ Idem. A propaganda e o serviço de saúde em torno das atividades do SPES em 1948. *Palestra de Henrique Furtado Portugal*, Rádio Inconfidência, 18 de janeiro de 1949.

como a puericultura, a saúde do trabalhador, a alimentação, a puericultura, além de doenças específicas, como o câncer, a malária e a lepra. O rol dos problemas que se colocavam no horizonte dos médicos sanitaristas em Belo Horizonte se fazia presente em outras regiões de Minas Gerais, como é o caso de Uberlândia.

A saúde na imprensa de Uberlândia

O Serviço de Propaganda e Educação Sanitária tinha por propósito fazer chegar aos mais afastados municípios os conhecimentos de higiene e informações sobre doenças diversas. Conforme mencionado, vários jornais foram mobilizados para difundir os preceitos de saúde entre a população do interior. Sem a pretensão de esgotar a problemática, uma análise da educação sanitária na imprensa de Uberlândia pode ser útil para observar os contornos que o discurso médico-sanitário assumiu nessa cidade e região.

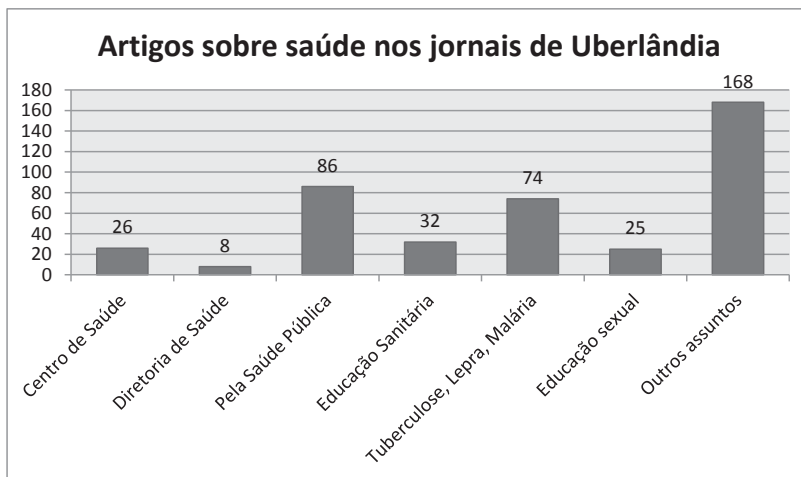
Os jornais *Correio de Uberlândia*, *O Repórter* e *A Tribuna* podem ser considerados os principais veículos de educação sanitária em Uberlândia e no seu entorno. As décadas de 1930 e 1940 são caracterizadas por uma atenção aos temas de saúde pública na imprensa. O jornal *A tribuna* e, principalmente, o *Correio de Uberlândia* foram os principais periódicos a divulgar matérias relacionadas ao tema. O primeiro, fundado em 1919, era um semanário independente e, entre 1920 e 1944, foi dirigido pelo jornalista fluminense Agenor Paes. Sua publicação foi interrompida com a morte do diretor e retornou como mídia católica, em 1946. O segundo foi criado em 1938, sob direção de Osório Junqueira. Embora tenha paralisado sua atividade no início dos anos 1940, em setembro daquele ano suas atividades foram retomadas e mantêm-se até hoje.³⁵

As atividades do Centro de Saúde de Uberlândia, bem como publicação de palestras e textos relativos à educação sanitária, ganharam espaço significativo nesses jornais, ao lado de anúncios de publicidade e outras notícias. No levantamento realizado no jornal *A tribuna* foi possível identificar um conjunto de matérias publicadas entre 1933 e 1941 que contemplavam dos cuidados com a higiene à profilaxia de doenças, tais como “Saneamento rural”, “A lepra e seu tratamento”, “Solução racional dos problemas sexuais”, “Campanha contra a tuberculose”, e também algumas colunas específicas, como “Pela saúde pública”. No caso do *Correio de Uberlândia*, além desses

³⁵ SANTOS, Regma Maria. Práticas Culturais: as tipografias, os jornais e as livrarias de Uberlândia (1897-1950). *História & Perspectivas* (UFU), v. 1, pp. 207-226, 2009

temas observa-se a ocorrência em maior número de seções específicas dedicadas à saúde: “Centro de Saúde”, “Diretoria de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais” e “Pela saúde pública”.

Nos jornais disponíveis para consulta foram localizados quatrocentos e dezenove matérias sobre saúde e educação sanitária. Ao dividir esses artigos por temática, pode-se observar a ênfase em textos voltados para a educação sanitária, publicados nas seções “Pela Saúde pública” e “Educação Sanitária”. Observa-se igualmente a recorrência de matérias sobre determinadas enfermidades, como a tuberculose, a lepra e a malária, que perfaziam setenta e quatro artigos. Havia um número significativo de matérias sobre outras temáticas, tais como educação e saúde, saneamento rural, higiene mental, descobertas na medicina, dentre outras que não eram publicados em seções específicas.



No quantitativo dos periódicos consultados, os dados do gráfico acima expressam o lugar ocupado pela discussão dos temas sanitários em uma cidade situada no interior de Minas Gerais, que naquele contexto comungava dos valores de modernização e progresso. Tais valores eram expressos no traçado urbano, na arquitetura, na limpeza dos espaços públicos em acordo com os princípios estéticos e higiênicos, mas também nas discussões em torno das condições de saúde da população.³⁶ As notas e textos acerca

³⁶ Sobre as condições de assistência à saúde em Uberlândia ver: MACHADO, Maria Clara T.; RIBEIRO, Raphael Alberto. “Institucionalização da Loucura em Uberlândia”. In: BRITO, Diogo de Souza Brito; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. (Org.). *Uberlândia Revisitada: memória, cultura e sociedade*. Uberlândia: Edufu, 2008, pp. 221-247.

das atividades do Centro de Saúde de Uberlândia procuravam dar notícia à população das principais ações realizadas pelo órgão, a exemplo de cursos, vacinas, além das medidas de prevenção de enfermidades que acometiam a população.

O já citado Dr. Henrique Portugal, renomado médico da cidade de Uberlândia e que, antes de se tornar chefe do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, ocupava o cargo de Diretor de Saúde, fazia questão de enaltecer as atividades do órgão. Segundo salientava, em uma “cidade de área tão vasta”, o Centro de Saúde havia alcançado um “grande número de objetivos sanitários”. Dentre suas atividades constavam a inspeção sanitária, propaganda através de “palestras individuais, folhetos e impressos de preceitos de higiene individual e de profilaxia geral”.³⁷ Em 1940, por exemplo, foram realizadas dezesseis mil e novecentas e sessenta e uma palestras particulares, por médicos, enfermeiras e guardas sanitários.³⁸

Com o objetivo de facilitar a divulgação de princípios básicos de higiene e de profilaxia, o Centro de Saúde recorria à imprensa local, publicando várias matérias relativas à saúde. A coluna “Pela saúde pública” veiculava artigos mais extensos sobre as moléstias que acometiam os cidadãos uberlandenses e da região. Trazia ainda informações sobre a forma de transmissão de enfermidades, como exemplificam os artigos sobre febre tifóide dos jornais *Correio de Uberlândia* e *A Tribuna*. Um desses artigos, “Febre tifóide: modo de transmissão” informava que o micróbio causador da enfermidade era transmitido pelas fezes e urinas dos doentes, propagadas pelas águas poluídas e que a doença não se transmitia “pelo ar”. Entre 1940 e 1941, essa doença ganhou destaque nas páginas dos periódicos, sendo algumas reimpressas. É o caso da matéria “Portadores de bacilos tíficos”, que ocupou as páginas do *Correio de Uberlândia* entre 04 e 08 de março de 1941.

Se, por um lado, os jornais divulgavam as atividades do Centro de Saúde, por outro, foram mobilizados também para tratar de assuntos que extravasavam questões locais. A coluna “Educação Sanitária” era reservada aos textos distribuídos pelo Serviço de Propaganda e Educação Sanitária de Minas Gerais e para fazer propaganda das ações do Serviço Especial de Saúde (SESP), constituído em 1942. É nesse sentido que foram impressos artigos, a exemplo de “Preceitos gerais de puericultura elaborados pelo Departamento Nacional da Criança”, o qual instruía sobre os cuidados necessários com a

³⁷ PORTUGAL, Henrique Furtado. Centro de Saúde de Uberlândia, O que tem feito esta notável instituição da saúde pública e o que precisa fazer. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia-MG, 12 de fevereiro de 1942, p. 1-3

³⁸ Idem. 16.961 palestras particulares, *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, s. d.

alimentação, com o peso, os banhos, a vacinação e a amamentação da criança recém-nascida.³⁹ Cabe observar que o mesmo artigo foi publicado primeiramente no jornal *Minas Gerais*.⁴⁰

O Serviço Nacional de Educação Sanitária também se fez presente em Uberlândia através da imprensa. O jornal *Correio de Uberlândia* recebeu um ofício, datado de 22 de novembro de 1943, que solicitava a divulgação de “uma série de cem conselhos sobre alimentação” e agradecia o apoio do periódico à causa da educação sanitária.⁴¹ O jornal igualmente dava a conhecer que o Ministério da Educação distribuía pela imprensa palestras sobre higiene, pronunciadas na rádio Tupi de 1939 a 1940, contendo os mais “salutares ensinamentos sobre alimentação e educação física”.⁴²

De igual maneira havia atenção a enfermidades como tuberculose, lepra e malária, no material distribuído pelo Serviço Especial de Saúde Pública. De maneira geral, o material não só expunha as formas de transmissão das doenças, mas também as formas de obtenção do diagnóstico e tratamentos disponíveis. O artigo “Preceitos de higiene”, excertos de tradução de folhetos norte-americanos, de 28 de novembro de 1950, prescrevia medidas para a conservação da saúde, envolvendo cuidados com a alimentação e o sono. Ao mesmo tempo, procurava esclarecer sobre a importância de exames médicos para o diagnóstico da tuberculose: “Tire já radiografia de seu tórax (...) você deve ter aspecto sadio e sentir-se bem. Na aparência você está bem. Que há por dentro? Deixe que o médico o examine direito”.⁴³

Ao lado da malária e da lepra, a tuberculose ganhou relevância nos impressos desde fins da década de 1930. O jornal *A Tribuna* publicou vários artigos a respeito da doença, tais como “1º Congresso Nacional de Tuberculose” (15/06/1939), “O problema da tuberculose”, de J. A. Baptista Jr. (18/06/1939), e “Campanha contra a tuberculose” (02/07/1939). Mas foi ao longo dos anos seguintes que a tuberculose, como mote da educação sanitária, ganhou maior destaque. Essa ênfase convergia com o projeto de saúde pública do Governo Vargas vigente nos anos 1940 de combater doenças que atacavam a

³⁹ Preceitos gerais de puericultura elaborados pelo Departamento Nacional da Criança. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 05 de janeiro de 1949.

⁴⁰ Preceitos gerais de puericultura elaborados pelo Departamento Nacional da Criança (Decreto-lei n. 9.017, de 23-11-946). *Minas Gerais*, Belo Horizonte, MG, 5 de outubro de 1948, p. 12.

⁴¹ “Serviço Nacional de Educação Sanitária”, *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 23 de novembro de 1943.

⁴² *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, s. d.

⁴³ Preceitos de higiene. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 28 de janeiro de 1950.

“coletividade”, em um trabalho conjunto com os governos estatais, atingindo os rincões mais longínquos do país.⁴⁴

A articulação entre as questões nacionais e locais de saúde pode ser percebida nas matérias que demonstram o impacto dessas doenças na sociedade local. O médico Mário Marques da Silva, em “palestra científica” lida no Rotary Clube de Uberlândia, explanou acerca dos principais avanços científicos para o combate da tuberculose. Na ocasião, observava que Uberlândia padecia de um contingente demasiado de “fimatosos”, tanto nas classes abastadas, quanto nas com recursos reduzidos. Na ocasião, denunciava a condição de abandono na qual os pobres se encontravam, ficando “pelas ruas expostos à sua própria sorte ou sujeitos a caridade pública nem sempre bem orientada”.⁴⁵ Outro artigo anônimo comentava a indicação do deputado Rondon Pacheco para a criação de um dispensário antituberculose na cidade de Uberlândia. A notícia era bem recebida, pois, a exemplo de outras partes do país, a cidade pagava um pesado tributo que a fazia perder “anualmente muitas vidas úteis”.⁴⁶ A questão da tuberculose, aqui abordada como exemplo, é útil para compreendermos de que forma os problemas nacionais de saúde foram contemplados e discutidos na imprensa local.

Afora as campanhas nacionais de saúde, relacionadas às doenças incorporadas na agenda de saúde do Estado Novo, a educação sexual foi outro assunto enfatizado nos impressos. Grande parte dos textos relacionados ao assunto nos jornais de Uberlândia é de autoria do Dr. José de Oliveira Pereira de Albuquerque. Formado em medicina no Rio de Janeiro, o médico teve destaque na luta em prol da educação sexual, afirmando-se como especialista no campo ainda em construção da “sexologia” no Brasil. Seu nome esteve ligado à criação de dois periódicos especializados, o *Jornal de Andrologia* (1932-38) e o *Boletim de Educação Sexual* (1933-39), além de estar à frente do Círculo Brasileiro de Educação Sexual e do Centro Coordenador de Estudos em Andrologia.⁴⁷

Autor de diversos livros sobre o assunto, como *O catecismo da educação sexual* (1940), José de Albuquerque também escreveu sobre o tema em diversos jornais e realizou palestras em muitas cidades. Em 28 de janeiro de

⁴⁴ HOCHMAN, op. cit., pp. 217-218.

⁴⁵ *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 26 de dezembro de 1946, s. p.

⁴⁶ Idem, 11 de outubro de 1948, s. p.

⁴⁷ RUSSO, Jane Araújo; CARRARA, Sérgio Luís. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entre guerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, ciências, saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, Ago. 2002, pp. 273-290.

1946, ocupando o cargo de Diretor do Círculo de Educação Sexual do Rio de Janeiro, Albuquerque esteve no salão do “Uberlândia Clube” onde realizou conferência para “seleta platéia”. Conforme informava o jornal, dali partiria para Uberaba prosseguindo seu trabalho.⁴⁸

Entre o final da década de 1930 e ao longo da seguinte, vários textos sobre educação sexual chegaram às prensas dos jornais da cidade. Em 23 de maio de 1938, o jornal *A Tribuna* trazia impresso um desses textos intitulado “Solução racional dos problemas sexuais”, no qual se enfatizava que tais problemas deveriam ser estudados à luz das ciências da vida e da sociologia, sendo que o sexólogo deveria observar os experimentos biológicos e o “laboratório da vida social”.⁴⁹ Em “As famílias e a educação sexual”, José de Albuquerque considerava a importância dos vários recursos úteis para levar às famílias a bandeira que defendia: “Aí estão os salões onde realizo conferências, os recintos onde se fazem projeção dos filmes cinematográficos sobre educação sexual e a nossa pinacoteca e museu”.⁵⁰

As palestras quase sempre vinham acompanhadas de outros materiais de propaganda. Conforme notícia publicada no jornal *O Repórter*, estavam sendo distribuídos cartazes em todo o território nacional e o semanário havia recebido “um sugestivo cartaz de propaganda educação sexual nos moldes do que são editados pelos países estrangeiros”. Tratava-se de uma bela “policromia”, a demonstrar a importância daquela educação “como meio de defesa do indivíduo e aperfeiçoamento da raça”.⁵¹

Por meio dos textos e material veiculado na imprensa de Uberlândia é possível identificar, portanto, vários aspectos do discurso médico-sanitário em voga nas décadas de 1930 e 1940. Embora mereçam uma análise mais detida, as colunas dos periódicos indicam o esforço das autoridades locais e do Governo estadual em promover os princípios higienistas em acordo com as diretrizes nacionais de saúde. Neste sentido, a imprensa contribuiu para o processo de interiorização do discurso médico-sanitário no interior das Minas Gerais e se tornou um importante veículo utilizado pelos médicos e pelos serviços de propaganda sanitária.

⁴⁸ *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 28 de janeiro de 1946, s. p.

⁴⁹ ALBUQUERQUE, José de. Solução racional dos problemas sexuais, *A Tribuna*, Uberlândia, MG, 23 de maio de 1938, p. 2.

⁵⁰ Idem. As famílias e a educação sexual, *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 21 de janeiro de 1941, p. 3

⁵¹ *O Repórter*, Uberlândia, MG, s. d.

Conclusões

A partir do levantamento realizado no jornal *Minas Gerais* e das publicações do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária é possível observar que a imprensa foi um importante meio de divulgar entre a população mineira os preceitos de saúde e higiene. Os textos dos médicos sanitaristas procuravam difundir orientações para saúde em acordo com os princípios higienistas da época, associadas à valorização de um corpo sadio e sem vícios, conforme foi possível identificar nos textos relativos à puericultura, à educação sexual, bem como aqueles que condenavam os vícios, como o uso de bebidas alcóolicas. A pesquisa permitiu igualmente analisar como o discurso médico sanitário se fez presente nos municípios do interior, por meio das ações dos serviços nacionais e estaduais de saúde. De forma específica, buscou-se compreender como esse processo de interiorização do discurso médico-sanitário ocorreu em Uberlândia a partir da análise dos jornais locais. Por meio da publicação de textos de propaganda e educação sanitária na imprensa da cidade, observa-se que os artigos tratavam tanto de questões locais de saúde, quanto dos programas nacionais de combate às enfermidades.

Artigo recebido para publicação em 01/12/2012

Artigo aprovado para publicação em 01/04/2013